

# Separados sob o mesmo teto

Situação vivida há oito anos por Valdomiro Leite e Dionira Mota é um retrato da bagunça fundiária do DF. Após quatro décadas, os dois se divorciaram e não se falam mais. Mesmo assim, precisam morar no imóvel do qual nunca conseguiram ser os donos oficiais no Paranoá

» LILIAN TAHAN  
» ANA MARIA CAMPOS

Valdomiro de Almeida Leite, 77 anos, foi casado por quatro décadas, mas hoje o som que lhe distrai a solidão é o de um acordeão. A mulher com quem dividiu alegrias e tristezas, saúde e doença, por metade de sua vida está a uma escada de distância. Ele mora no térreo. Ela, no primeiro andar de uma casa no Paranoá. Apesar de vizinhos, os dois não se falam há oito anos. Estão separados. Dividir o sobrado não foi uma opção, mas se tornou o maior exemplo da situação fundiária irregular que ocorre em um terço da capital do Brasil. O caso de Paranoá é uma das mais contundentes fotografias da disputa pela titularidade das terras que teve origem nas desapropriações de Brasília e até hoje persiste. "Se pudesse, teria refeito a minha vida longe daqui", desabafa Dionira Nunes da Mota, 72 anos. Mas, nesse caso, mudar de endereço é mais difícil que romper um compromisso de quatro décadas, 13 filhos, 14 netos e uma geração de bisnetos.

Separados, mais que isso, brigados, os dois vivem debaixo do mesmo teto porque não têm a escritura de propriedade do imóvel, fundamental para dividir o patrimônio na separação. Valdomiro e Dionira dispõem apenas de uma certidão positiva, um documento precário, o mesmo emitido pela Administração Regional para todas as 11.760 residências do Paranoá. Eles viveram a maior parte de suas vidas na fazenda, no interior de Minas Gerais. Valdomiro foi lavrador, sem intimidade com as letras. Ela sempre foi dona de casa. Assim como o casamento de papel passado, quando o amor acabou fizeram questão de certidão para comprovar a separação. Conseguiram legalizar a condição civil, mas em 23 anos de residência no Paranoá nunca tiveram o título de donos da casa que construíram com as próprias mãos. "O que está no papel não tem volta", diz



Fotos: Edilson Rodrigues/CB/D.A Press

Valdomiro mora no térreo, enquanto a ex-mulher Dionira vive no primeiro andar: tudo o que os dois queriam era cada um ter o seu próprio cantinho

Dionira a respeito da separação.

A situação do casal que se separou sem sair do mesmo teto ilustra a absurda situação de informalidade do Paranoá. Região a 15 minutos do Palácio da Alvorada, onde mora a presidente Dilma Rousseff, incrustada em meio às mansões e casas dos bairros mais nobres da capital, os lagos Sul e Norte, a região administrativa foi criada na área de conflito fundiário mais complexa do Distrito Federal. A cidade está dentro da Fazenda Paranoá, que passou por um processo de desapropriação em comum — quando o Estado paga por uma parte da terra sem delimitar o quinhão de cada um, incluindo proprietários particulares.

## Imbróglio

A desapropriação em comum funciona como se irmãos herdassem um apartamento no espólio deixado pelos pais. Não há como saber qual cômodo pertence a cada um. Em situações como es-

## »» Juiz dá posse à Terracap

Em novembro, o juiz da Vara de Meio Ambiente, Desenvolvimento Urbano e Fundiário do DF, Carlos Divino Rodrigues, determinou a desocupação de uma área de 55 hectares dentro da Fazenda Paranoá e a reintegração de posse para a Terracap. Os herdeiros de Sebastião de Sousa e Silva reclamam a posse da terra alegando que a gleba foi comprada em 1924. A Terracap apresentou registro de que o imóvel teria sido, na verdade, adquirido pelo Estado de Goiás em 1956, durante processo de desapropriação dos Bevinhati. Depois, a gleba foi repassada à União, que transferiu a propriedade à Terracap. Na sentença, Carlos Divino sustenta que esse entendimento abre perspectivas para a "regularização fundiária das cidades do Paranoá, Itapoã e adjacências". Se esse raciocínio do juiz prevalecer, Dionira e Valdomiro poderão finalmente ser verdadeiros donos do sobrado onde moram. Terão de decidir se realmente querem viver em casas separadas.

sa, o mais corriqueiro é a venda do imóvel para dividir igualmente o valor. Quando se trata de uma gleba que envolve interesses particulares e públicos, a solução não é tão simples. Imagine fazer esse tipo de divisão quando a escala é em hectare, envolvendo centenas de herdeiros, sobre uma análise de negócios fechados há 60 anos, quando as circunstâncias eram outras e o valor da propriedade, absolutamente distinto dos preços atuais. É esse o pano de fundo das brigas judiciais pela titularidade das áreas de desapropriação em comum.

Segundo dados da Companhia Imobiliária de Brasília (Terracap), 11% dos 5.802km<sup>2</sup> que integram todo o território do DF estão nessa situação. São 638,22km<sup>2</sup> quadrados de pura confusão. No caso específico do Paranoá, há uma disputa por 1.371 hectares de uma área que pertence ao espólio de Sebastião de Sousa e Silva e da mulher dele, Carolina de Sousa e Silva. Ele teve 16 filhos, dos quais apenas dois estão vivos. Entre os

herdeiros, há dezenas de netos e bisnetos que brigam entre si e com a Terracap para a divisão da propriedade. E há ainda um agravante. Alguns descendentes venderam sua parte para especuladores imobiliários, terceiros que hoje também reivindicam seus direitos.

Um dos nós se deve ao não reconhecimento de um dos herdeiros, Vitorino Bevinhati, que era casado com Sebastiana de Sousa Bevinhati, filha de Sebastião. O quinhão do casal foi registrado em nome do marido, como era costume nos anos de 1920. Os demais herdeiros não reconhecem o direito dele. Eles não tiveram filhos, mas no processo de tentativa de grilagem de parte das terras da Fazenda Paranoá, apareceu até a Certidão de Nascimento falsa de um filho que os Bevinhati nunca tiveram. Na época do inventário de Sebastião, o preço da terra era outro. "É importante lembrar que as fazendas negociadas estavam no interior do país. Um boi ou até um espelho valiam frações da fazenda", explica o chefe da Procuradoria Jurídica da Terracap, Sérgio Nogueira.

O processo da Fazenda Paranoá é um dos 221 considerados estratégicos pela empresa pública. Depende dessa ação resolver a situação de clandestinidade de 42.427 pessoas que, segundo a Pdad de 2011, moram na região cercada de condomínios de classe média e média alta. O Paranoá nasceu da transferência de uma invasão de famílias que ajudaram na construção da barragem que deu origem ao Lago Paranoá. Está fincada em terreno fértil, plano, com uma vista privilegiada, de clima mais ameno e com facilidade de acesso ao Plano Piloto pela Ponte JK. Mas, enquanto não houver uma solução jurídica, a cidade terá de conviver com aberrações como o fato de o governo não ter autorização para construir equipamentos públicos, como postos de saúde, escolas técnicas e até campo de futebol. "Tivemos de negociar com representantes das famílias", conta Cezar Lopes, administrador do Paranoá.

## »» Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG quadra 02 lote 340, setor gráfico. Ou pelo e-mail: [cidades.df@dabr.com.br](mailto:cidades.df@dabr.com.br)

Sepultamentos realizados em 10 de dezembro de 2012

### »» CAMPO DA ESPERANÇA

Catarina Vieira de Assis, 74 anos  
Claudemiro Jacob de Oliveira, 87 anos  
Francisco Vitoriano Cruz, 85 anos  
Gabriel Alves Sousa Eloi, 15 anos  
Janaina Lott Gauzzi da Silva, 40 anos  
Josefina Sá de Araújo, 82 anos

Kanji Sambuichi, 81 anos  
Maria dos Anjos Pedrosa Pinelli, 71 anos  
Maria Felizia Ferraz Lima, 53 anos  
Maria Fuser Gregio, 93 anos  
Raimundo Nonato Nunes Vasconcelos, 66 anos  
Ruth Braga Serrão, 93 anos

### »» TAGUATINGA

Aguinaldo Ferreira, 77 anos  
Deusimar da Costa, 58 anos  
Exedito Lins de Sousa, 72 anos  
Geraldo Antônio de Machado, 69 anos  
Lusimar Macedo de Sousa, 48 anos

Laudilina Severiana de Oliveira, 86 anos  
Lige Elizabete Barbosa, 48 anos  
Maria Aparecida Lins, 60 anos  
Maria da Aparecida Viana Ribeiro, 70 anos  
Oswaldo Paes Bezerra, 77 anos

### »» GAMA

Eliane Maria Labre da Silveira Sena, 51 anos  
Irene Barreiro de Lira, 67 anos

### »» BRAZLÂNDIA

Gonçalo Rodrigues Coelho, 75 anos  
Marinaldo Macário da Silva, 55 anos

### »» SOBRADINHO

Carlos Evangelista dos Santos, 36 anos

### »» JARDIM METROPOLITANO

Conrado Lafetá de Oliveira, 75 anos (cremação)  
Ângela Juliano Oliveira, 60 anos (cremação)